Parabellum: sobre o modo de se fazer a guerra pós 11 de setembro

Paulo Roberto Alves Teles[1]

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar as transformações sobre a ideia de guerra ocorridas após o 11 de setembro bem como discutir o terrorismo. Diante da necessidade de compreensão histórica sobre essas temáticas são necessárias ferramentas multidisciplinares que o auxiliem a compreender as mudanças no tempo e no espaço responsáveis pela reconfiguração desses conceitos. Portanto, esse trabalho considera que a guerra e o terrorismo, além de estarem relacionadas, envolvem manifestações de poder em conflito, as quais resultam em práticas e discursos que, inevitavelmente, recorrem a violência propagada sob a justificativa de valores morais considerados superiores e necessários.

Palavras-chaves: Guerra; Terrorismo; 11 de setembro; Discurso

Abstract

This article aims to analyze the transformations about the idea of war that occurred after 9/11 as well as to discuss terrorism. In view of the need for historical understanding of these themes, multidisciplinary tools are needed to help you understand the changes in time and space responsible for the reconfigura-

[1]UFRJ

tion of these concepts. Therefore, this work considers that war and terrorism, in addition to being related, involve manifestations of power in conflict, which result in practices and discourses that, inevitably, resort to violence propagated under the justification of moral values considered superior and necessary.

Keywords: War; Terrorism; September 11; Speech

Introdução

É nos momentos mais obscuros que se exige do homem a necessidade de buscar a luz. Assim, é diante de um novo ciclo de barbárie, cujo evento demarcador foi o 11 de setembro de 2001, que os estudos sobre o terrorismo, sobre a guerra e sobre a Guerra ao Terror, ganharam fôlego. O presente artigo tem como proposta analisar a compreensão histórica sobre a guerra e as suas transformações pós 11 de setembro.

A necessidade de compreensão histórica sobre essas temáticas exige do pesquisador habilidades e ferramentas multidisciplinares que o auxiliem a compreender as mudanças no tempo e no espaço que reconfiguraram esses conceitos e que apresentaram novos desafios epistemológicos.

A partir da compreensão *Clausewitziana*[2], a forma e a teoria da guerra travada no século XXI nos exige ir muito mais além de uma visão sobre ela como instrumento político. A guerra, tal qual é travada em nosso tempo, apresenta elementos psicológicos, culturais, socioeconômicos e é claro, históricos – especialmente – no campo das relações internacionais. Nas palavras de Raymond Aron (2018)

> "*a arte política ensina os homens a viver em paz no interior das coletividades, e ensina as coletividades a viver em paz ou em guerra. Em suas relações mútuas, os Estados não deixaram ainda o estado*

[2]Em sua obra Da Guerra, Carl Von Clausewitz estabeleceu uma concepção sobre a guerra como um instrumento de uso político utilizado por uma nação para submeter o seu adversário as suas vontades e intenções, pensamento esse, definido pela frase "a guerra é a continuação da política de determinadas classes e estados, por outros meios";

> *de natureza. Só por isso existe ainda uma teoria das relações internacionais*" (p.8).

Contudo, o nosso tempo nos obriga a ampliar essa concepção, uma vez que essa visão já não abarca as novas tensões existentes no mundo. Ainda que a visão de Clausewitz estabeleça elementos norteadores para a compreensão da guerra, como "*um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade*" (CLAUSEWITZ, p.75, 1984), a forma como esse ato é exercido e significado varia ao longo do tempo e do espaço, além de carregar consigo fortes elementos culturais, que muitas vezes demarcam não apenas os métodos, como também as vontades de quem promove os atos de guerra e por assim dizer, os atos políticos. A política, acima de tudo, está relacionada a uma lógica racional. Portanto, se considerarmos a guerra um ato político, será preciso identificar elementos de racionalidade e metodológicos que evidenciem os objetivos racionais por trás da barbárie.

Sobre a guerra e as suas transformações

O século XX foi, senão o maior, um dos períodos mais violentos da história. Eric Hobsbawm produziu em *A Era dos Extremos* (1995) uma abordagem de como as guerras moldaram esse século e os seus impactos sobre a vida cotidiana no mundo ocidental. Em sua análise mais recente, produzida em 2007, o autor já apontava para algumas mudanças assistidas no alvorecer do século XXI: o enfraquecimento do Estado territorial como detentor do monopólio das operações armadas, que não se caracterizam mais como atos essencialmente controlados por governos e seus agentes; os grupos em conflito não possuíam características, objetivos e status e comum. Assim, combatentes e não-combatentes já não possuíam nitidez e as áreas de conflito adquiriram ainda mais um caráter global.

Nessa mesma seara de mudanças, as conceituações sobre guerra e paz também foram marcadas por imprecisões e ainda, assumiram utilizações e empregos políticos como *Guerra às drogas* utilizada a partir da *Era Reagan* iniciada em 1981 e a mais recente *Guerra ao Terror* estabelecida pelo presidente George W. Bush (2001-2008). As imprecisões das terminologias empregadas ao fenômeno guerra provocaram também indefinições sobre as ações armadas da polícia e do exército sobre a perspectiva do autor. Outrossim, essa ausência de um norte conceitual também trouxe problemas para definições de fenômenos como o terrorismo.

Diante de tantos problemas percebidos nos primeiros anos do novo século, Hobsbawm (2007) afirma que as expectativas não são as melhores e que a paz global está ainda mais distante. O enfraquecimento dos governos, o aumento da atuação de grupos financeiros em setores originalmente exclusivos do Estado podem ser entendidos como frutos da Globalização, que ao pulverizar o poder e a capacidade das instituições provocariam a proliferação de distúrbios socioeconômicos, movimentos separatistas e fortalecimento de grupos terroristas o que na visão do autor, ainda que não tenham a mesma capacidade mortífera do século XX, apresentará um aspecto epidêmico e praticamente insolúvel mediante as atuais políticas exercidas pelos governos.

Assim, para o autor, as políticas econômicas, caracterizadas por uma espécie de culto ao liberalismo e por uma mercantilização da vida como também apontou o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2001), foram responsáveis por uma transformação das formas de violência e das práticas de guerra, que como já fora dito, não se concentram mais na atuação inter-estatal, "*A globalização produz, pela sua própria natureza, crescimentos desequilibrados e assimétricos*" (HOBSBAWM, 2007, p. 43).

> "*A fragilização das fronteiras, a democratização dos meios de violência, a revolução nos meios de comunicação e os crescentes contatos e choques entre integrantes de culturas ou sistemas de valores diferentes produzem efeitos tanto de integração quanto de exclusão*" (DERIAN, 2010, p. 344)

Essas perspectivas nos trazem a convicção de que as guerras nos formatos vestfalianos e nos moldes coloniais perderam espaço para outros formatos de conflito. O século XXI nos apresenta cada vez mais o exercício da guerra por grupos organizados em plataformas, isto é, sem base ou território definido o que lhes permite a capacidade de planejar um ataque em uma região e promovê-lo em outra, a Al Qaeda é o exemplo mais bem elaborado desse grupo, ao lado do Daesh.

Portanto, as *novas guerras* nos apresentam um novo status de ação militar que, mesmo que tenha o teor político, não está necessariamente atrelada ao Estado. Os ataques terroristas visam exercer algum tipo de dominação, ainda que essa seja garantida pelo medo, isto é, o fator simbólico e psicológico se mostra muito mais efetivo do que o elemento material e territorial, a instantaneidade da divulgação das informações possibilitada pelos avanços nos meios de comunicação permitem a potencialização dos objetivos desses ataques.

Nesse sentido, o surgimento das *novas guerras* ou *guerras assimétricas* e do *terrorismo internacional* ou *novo terrorismo*[3] podem ser analisadas por duas perspectivas: A redefinição do modelo de Estado que migra aceleradamente da sua forma westfaliana para algo como um *Estado plataforma*[4] e a falência do modelo de Estado tal qual conhecemos. De certa forma, ainda que a guerra seja um ato político, esse agir político não se limita ao Estado.

> "*a política é determinante na guerra na medida em que determina os fins a atingir, mas a guerra é também determinada pela política como relação social em geral. Os três elementos dessa definição trinitária – razão, inteligência e paixão – combinam-se, portanto, em graus diversos e variam historicamente, de modo que a guerra pode manifestar-se até como a violência ensandecida e desorganizada do povo*" (MEI, 2013, p. 69)

Desse modo, a pulverização das ações de guerra, que agora não mais se concentram nas mãos dos Estados nos dão uma constante sensação de insegurança que justificariam as políticas estatais de vigilância e até mesmo, como no caso americano pós 11 de setembro, o ferimento das garantias constitucionais aos direitos individuais.

Assim sendo, o fortalecimento dos grupos privados e de seus interesses fortemente econômicos tem sido responsáveis por conduzir o mundo ocidental a uma série de problemas, a saber: 1) a descrença no papel das instituições públicas, o que permitiu a ascensão de líderes populistas e autoritários; 2) a introdução da lógica industrial produtiva sobre o meio ambiente, o que tem sido responsável por inúmeros problemas ambientais; 3) a proliferação de movimentos separatistas; 4) a crise de refugiados e, por fim, 5) o *terrorismo internacional*.

3 Utilizaremos para as práticas terroristas que possuem como método características similares ao ataque ocorrido contra os Estados Unidos no 11 de setembro de 2001, o termo *terrorismo internacional* ou *novo terrorismo*;

4 O termo Estado plataforma é aqui utilizado para um modelo de governo no qual o papel do Estado na vida dos cidadãos no mundo ocidental, especialmente, em países que adotaram como premissa o modelo neoliberal tem sido marcado pela transferência da responsabilidade dos governos na gestão da vida em sociedade para a iniciativa privada, que por sua vez, é responsável por uma espécie de mercantilização da vida. Análise também defendida por Boaventura de Sousa Santos (2001).

> "*Enfraquecendo os Estados, desvalorizando a política e desmantelando as principais regulamentações, a globalização favoreceu o surgimento de organizações com estruturas moles, não-hierárquicas, não-verticais, reticulares (...) (...) Nesse aspecto, a Al-Qaeda é uma organização adaptada à era da globalização, com suas ramificações multinacionais, suas redes financeiras, suas conexões com os meios de comunicação e informação, seus recursos econômicos, suas centrais de abastecimento, seus centros de formação, seus pólos humanitários, seus postos de propaganda, suas filiais e subfiliais*" (RAMONET, 2003, p.68-69)

Em 1999, os militares chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui publicaram aquilo que definiria o novo modelo de guerra frente às transformações provocadas pela globalização: uma guerra além dos limites. Entende-se aqui a percepção desses autores no termo *além dos limites* como algo que seria marcado pela ultrapassagem dos antigos obstáculos postos pelos modelos vestfalianos de guerra que, para o século XXI, isso já não existe mais. A própria concepção de guerra como ato de beligerância exercida por armas passa a ser revista pela análise desses oficiais, em suas palavras

> "*O ataque financeiro realizados por George Soros no Sudeste Asiático, os ataques terroristas conduzidos por Osama Bin Laden as embaixadas norte-americanas, o ataque com gás sarin no metro de Tóquio, realizado pelos discípulos de Aum Shinri Kyo, e a devastação causada por Morris Jr. na Internet, são eventos cujos graus de destruição são comparáveis aos de uma guerra. São eventos que representam uma forma embrionária de um novo tipo de guerra*" (1999, p. 7).

De fato, passados 20 anos após a publicação desse documento, o que se percebe é que a visão estabelecida pelos autores se concretizou. O aumento das práticas terroristas promovidas por grupos radicais religiosos, as disputas comerciais entre Estados Unidos e China, as *guerras fiscais* realizadas entre países e entre entidades federativas provocadas pela especulação de grupos financeiros e industriais, refletem aspectos destrutivos muito maiores do que ataques desferidos por mísseis *tomahawks* (também conhecido como BGM-109 Tomahawk ou como Tomahawk Land Attack Missile, é um míssil de cruzeiro, subsônico e

de longo alcance). Assim, de acordo com os autores, a violência militar cederia espaço para atos de violência política, econômica, tecnológica e psicológica.

Qiao Liang e Wang Xiangsui (1999) definem que um dos principais norteadores para esse processo de mudança residiria nos impactos provocados pela tecnologia, em suas palavras, *sapatilhas mágicas*. Estas teriam sido responsáveis, via globalização, por criar pressões que obrigariam as nações e os seus respectivos Estados a se reinventarem, seja em suas práticas administrativas, como também em seus aspectos comerciais. A prática da guerra e as políticas de segurança (externa e interna) não permaneceriam ilesas a esse processo. *As sapatilhas mágicas* não apenas definiriam quais pés seriam calçados por elas, mas também, quais passos seriam permitidos uma vez que fossem utilizadas.

> "*Por este novo conceito, a guerra prescreve a prontidão de todos os meios disponíveis, a onipresença da informação, e presença do campo de batalha em todos os lugares. Significa a fusão de todas as armas com a tecnologia disponível, como for desejado; a eliminação de todas as fronteiras entre as duas ambiências, a da guerra e da paz; dos militares e dos não-militares; a mudança de todos os princípios de guerra, e até mesmo, as regras da guerra poderão ter que ser reformuladas*" (LIANG. XANGSUI, 1999, p. 16)

Ao longo de sua análise, os oficiais chineses apontam elementos de que transformaram não apenas a guerra, como também os povos e as suas instituições ao longo da história. E, na perspectiva dos autores, os instrumentos tecnológicos forma elementos catalizadores de mudanças, em alguns casos até norteadores. Visão que também é apontada por John Kegan (2006), ainda que sob uma perspectiva cultural. As transformações tecnológicas foram responsáveis pelo surgimento de fatores que condicionaram os países a assumirem novas táticas e novas formas de guerra que, no presente momento, vão além dos mecanismos militares, sobretudo, em tempos de globalização que permite a proliferação cada vez mais acelerada de ideias e tecnologias pelo mundo. A velocidade no processo de transformação se torna assim, um elemento disruptivo nas práticas tradicionais de organização sociopolítica, cultural e militar.

Assim, o que se percebe sob a perspectiva dos autores, diante dessas transformações, é que, uma vez pulverizada, ainda que mais frequente, a guerra não será mais caracterizada por elementos de mortandade similares a 1ª e a 2ª Guerra Mundial. Os números não serão, de maneira alguma, próximos a Verdun (1916) ou a Stalingrado (1942-1943), o que também não significa que teremos um am-

biente de paz e respeito a dignidade humana. Ao contrário, a crise de refugiados, acentuada desde 2015, já ultrapassou os números de migrantes provocados pela 2ª Guerra Mundial. A ameaça nuclear que esteve tão presente nos anos da Guerra Fria (1945-1991) cede espaço para outros perigos, que apesar de isoladamente menores, quando somados provocam danos permanentes.

> "*Ocorreram mudanças no conceito de guerra e no conceito dos armamentos, e o recurso a matança descontrolada, para forçar o inimigo a uma rendição incondicional, tornou-se uma relíquia de uma era passada. Atualmente, a guerra se distância das eras de carnificina caracterizadas por campanhas como a de Verdun. O aparecimento das armas de precisão e das armas não-letais tornou-se um ponto de inflexão no desenvolvimento de sistemas de armas, evidenciando, pela primeira vez, que este desenvolvimento se dá numa direção mais "suave" e não numa direção de maior "força"* (LIANG. XANGSUI, 1999, p. 35)

Ainda sob essa perspectiva, reside as incertezas quanto às razões que poderiam levar os Estados ou grupos não-estatais à guerra. Os motivos são fluídos e, em tempos de globalização, essa fluidez torna as motivações extremamente nebulosas. Os interesses pessoais transformam as alianças em acordos transitórios que podem muito bem transformar o cenário internacional em poucos instantes. Bastou uma única manhã numa terça-feira de setembro para redefinir todo o cenário geopolítico internacional. Alianças, cooperações internacionais, agendas políticas e ações sociais, tudo pode se transformar rapidamente.

Em um pior cenário, os autores também alertam que as *novas guerras*, por estarem associadas aos avanços tecnológicos e por não se limitarem mais, de maneira hegemônica, às ações militares promovidas por governos, não mais reconhecem fronteiras e trazem aos indivíduos uma sensação de guerra permanente e invisível. Portanto, os oficiais chineses consideram que esse novo formato de conflito será também travado naquilo que eles denominaram *espaço não-natural*, isto é, um espaço criado pelo homem, como o eletromagnético ou o *ciberespaço*, assim sendo, o século XXI nos apresenta também as *ciber-guerras*, o *ciber-terrorismo* e o *ciber-ativismo* e todo o universo de conceituações e interpretações definidos por Pierre Lévy (2009).

> "*A humanidade está incorporando, a todos os espaços e dimensões, um significado bélico. Tudo o que é necessário e a capacidade para lançar um ataque em um determinado lugar, usando determinados meios, visando a consecução de determinados propósitos. Assim sendo, o campo de batalha e uma entidade onipresente, ou seja, e possível iniciar-se uma guerra, que irá destruir um inimigo, a partir de uma central de processamento de dados, ou do recinto de uma bolsa de valores*" (LIANG. XANGSUI, 1999, p. 49)

Outrossim, sendo que a guerra poderá ser travada em todos os lugares, como fora apontado acima, também podemos considerar que ela será promovida por quaisquer tipos de *soldados*, incluindo aqueles que não se configuram como militares tradicionais. Os militares chineses apontam que os *hackers* podem ser considerados o primeiro exemplo de *guerreiro não-militar* e estes tem promovido milhares de violações de segurança na rede de governos, especialmente, o norte-americano. Contudo, estes não seriam considerados *guerreiros não-militares de alto nível* como os terroristas. O que também nos coloca numa situação conceitual problemática, visto que as definições sobre o terrorismo são divergentes e demasiadamente multifacetadas.

Desse modo, quais as novas perspectivas e formatos de guerra para o século XXI? Os Estados Unidos, na visão dos autores, teriam apresentado os seguintes modelos: 1) guerra cibernética, já mencionada acima e caracterizada pela ação dos *hackers;* 2) guerra de precisão, definida pelo desenvolvimento de armamentos capazes de promoverem ataques cirúrgicos, direcionados por satélites e com baixa estimativa de erro; 3) operações combinadas, na quais seriam utilizadas forças bélicas convencionais e grupos não-estatais em operações militares; e 4) *Military Operations Other Than War*[5] *– MOOTW*, as quais seriam medidas caracterizadas por ações preventivas que evitassem o conflito, a saber, promoção da paz, apoio a autoridades civis, combate ao tráfico de drogas, combate ao terrorismo, políticas de investimento econômico, dentre outras. Essas ações têm demonstrado pouca eficácia uma vez que, a partir dos anos 1990, diversos conflitos bélicos foram travados, a saber, a Guerra do Golfo (1991), as intervenções militares na Somália (1993), no Afeganistão (2001 - presente), no Iraque (2003 – 2013), a crise iniciada na Síria em 2011 e ainda em andamento, o que demonstra que as políticas realizadas pelo *MOOTW não alcançaram o seu devido sucesso.*

5 *Operações de Guerra Não-Militares*. (Tradução nossa).

Outrossim, ainda que com pouco resultado efetivo, *MOOTW* permite aos países que a empreendem, sobretudo os Estados Unidos, ter acesso a realidade sociopolítica, a elementos culturais e aos potenciais econômicos das áreas vistas como estratégicas, para que, caso haja de fato a necessidade de uma atuação bélica convencional, os soldados não sejam enviados às escuras para esses territórios.

> "*O conceito de MOOTW pode ser considerado, simplesmente, como uma designação para um conjunto de missões e operações realizadas por Forças Armadas quando não há um estado de guerra declarado. O conceito de "Operações de Guerra Não-Militares" expande o entendimento de guerra a todos os campos da atividade humana, com uma abrangência muito maior que o significado da expressão operações militares, expansão está, resultante do fato de que os seres humanos utilizarão quaisquer meios concebíveis, para alcançar os seus objetivos*" (LIANG. XANGSUI, 1999, p. 60)

Dessa maneira, a ideia de guerra atinge um campo infinitamente mais amplo e as ações a serem desempenhadas por ela seguem a mesma perspectiva. Surgem através dela, práticas e termos como *Guerra Comercial, Guerra Financeira, Guerra ecológica, Guerra Psicológica, Guerra às drogas, Guerra tecnológica, Guerra cultural* e o *Novo terrorismo,* o qual nos dedicaremos a discutir mais adiante. Portanto, a máxima estabelecida por Clausewitz (1984) "*A guerra é, portanto, um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade*" (p.75) é revista e ampliada por Liang e Xangsui (1999) que concluem que a guerra consiste "*usar todos os meios disponíveis ou seja, a força das armas e outros meios não envolvendo a força das armas, ligados ou não ao poder militar e que provocam ou não vítimas visando obrigar o inimigo a atender os nossos interesses*" (p.68).

Portanto, se as *novas guerras* nos impõe aspectos inerentes a globalização, como a maximização das relações sociais, econômicas e culturais, e por conta disso, rompe os limites tradicionais que estabeleciam a diferença entre a guerra da não-guerra e entre o militar e o não-militar, observa-se ainda mais a necessidade de se compreender que essas mudanças tornam as demandas para solução dessas tensões problemáticas globais, nas quais os organismos de cooperação internacional não devem se omitir na busca de elementos que possam trazer soluções para a diversidade de problemáticas.

Assim, a capacidade de compreender a guerra está diretamente relacionada aos limites de compreensão sobre os impactos realizados pelas transformações tecnológicas e políticas, estas últimas, por sua vez, também são afetadas pela prá-

tica bélica num exercício simultâneo e constante de transformação. As diretrizes e os objetivos demarcados pela guerra são estabelecidos pelo caráter político que se altera de acordo com os momentos históricos vivenciados pelas sociedades – cultura, história e política – alternam-se como potenciais transformadores nas práticas de guerra como apresentou Ricardo Pereira Cabral (2018) ao realizar um breve histórico sobre os principais teóricos da guerra e as transformações ocorridas nos modos de fazer a guerra ao longo do tempo. Em sua visão,

> "*A questão da utilização das tecnologias para aumentar o poder de combate ou enfraquecer o inimigo e o desdobramento dos combates em outras arenas, como a religiosa, cultural, econômica, o espaço e o ciberespaço, e mais aquelas que ainda virão, mesmo que sejam novas formas de luta, estão dentro da natureza da guerra como foi descrita pelo general prussiano*" (CABRAL, 2018, p.290).

Nesse sentido, as visões sobre a guerra, sejam elas promovidas pela perspectiva de Clausewitz (1984) ou de John Keegan (2006), demonstram que o debate sobre cultura e política na prática guerreira estão longe de se separar. Essa simbiose provoca desafios epistemológicos que impedem de traçar uma teoria geral e universal sobre aquilo que se entende enquanto guerra.

Sobre as *novas guerras* ou *guerras irregulares*[6], Marcelo Bastos de Souza (2018) aponta

> "*um conflito em que uma das partes não possui uma organização militar nos moldes dos exércitos nacionais nem combate segundo uma doutrina formalizada. Além disso, não possui reconhecimento jurídico segundo as normas estabelecidas pelos organismos internacionais*" (p.443)

Assim, nesse formato de conflito, cada vez mais presente nas primeiras duas décadas do século XXI, a criação de organizações não-estatais apresenta uma certa eficiência em suas respectivas lutas contra Estados nacionais. Souza (2018) elenca que a participação popular, a ênfase na condução política, o apoio externo, a propaganda e a negação do confronto direto correspondem às características marcantes desse tipo de guerra que é sedimentada, no caso islâmico (um exemplo), por um forte elemento ideológico-religioso, que apresenta para

[6]Entende-se aqui o termo *novas guerras* como sinônimo de *guerras irregulares* e *guerras assimétricas*. Assim, quaisquer um desses termos se referem ao mesmo modelo de conflito.

os seus membros e potenciais apoiadores uma motivação simbólica para a luta contra um inimigo maior e mais poderoso.

Sun Tzu (1998) teria dito que um dos mecanismos mais eficientes de guerra residiria na capacidade de vencer o inimigo sem que para isso fosse necessário o combate armado. É dessa maneira que o pesquisador Andrew Korybko (2018) inicia o seu trabalho sobre aquilo que ele denominou *guerras híbridas*. Em sua visão, aquilo que, no passado fora visto como *quinta coluna*[7], seria caracterizada no século XXI pela menor adoção de agentes secretos e pelo estímulo a indivíduos desvinculados do Estado, estes promoveriam manifestações que resultariam em eventos políticos denominados pelo autor de *Revoluções coloridas*.

Korybko (2018) argumenta que as mídias sociais e as novas tecnologias de comunicação possibilitariam mais danos aos países alvos do que mísseis balísticos de precisão. Assim, as *Revoluções coloridas* e as *guerras não convencionais*, considerada pelo autor como "*qualquer tipo de força não convencional (isto é, grupos armados não oficiais) envolvida em um combate largamente assimétrico contra um adversário tradicional*" (p.13) seriam o modelo de guerra predominante no século XXI.

Desse modo, os impactos psicológicos, potencializados pela atuação das redes sociais, promoveriam uma guerra de informação que serviria para mobilizar ou desmobilizar pessoas, enfraquecer ou fortalecer governos, impor ou não vontades sobre o adversário.

Nesse sentido, a ação das redes sociais serviria como mecanismo de penetração de uma ideologia de insatisfação contra o governo adversário para que, mediante mobilização popular, explodissem manifestações que pressionassem os grupos políticos dirigentes a adotar posturas políticas que, agradem os grupos que estão por trás da disseminação dessa forma de pensar. A g*uerra híbrida* atua como um vírus que transforma a população local em um hospedeiro forte o suficiente para forçar o governo adversário a agir de acordo com os interesses de modelo de guerra.

> "*Em seu âmago, a guerra híbrida é o caos administrado. Ela começa com um vírus que subverte o sistema social do Estado-alvo, e, se seus enxames e vanguardas pseudo-guerra não convencional (por exemplo, indivíduos do Pravy-Sektor) não conseguirem tomar o poder pela força, então uma guerra não convencional de verdade tem início*" (KORYBKO, 2018, p. 33).

[7]Termo utilizado para se referir a grupos clandestinos que atuavam dentro de um país ou região em favorecimento do inimigo.

Portanto, Korybko (2018) entende que, os Estados Unidos têm como objetivo trocar o posto de polícia do mundo para a posição de Mestre de marionetes, o mérito aqui reside em conquistar os corações e mentes da população adversária, para que ela própria derrube o governo que é visto como adversário. Em virtude disso, o autor nos apresenta dois termos sobre a prática da guerra: *guerra neocortical* e *guerra neocortical reversa*.

O primeiro termo se refere a uma prática muito usual durante a Guerra Fria (1945-1991). Nesse período, Estados Unidos e União Soviética promoveram disputas que iam além dos elementos bélicos e materiais. A prática da propaganda se apresentava como *softpower*[8], isto é instrumento ideológico para convencer a liderança do seu adversário a aderir ao seu modelo sem destruir necessariamente o oponente. Contudo, a *guerra neocortical reversa* tem como premissa moldar o pensamento coletivo, não a liderança, para que, através de manifestações e revoluções coloridas, o governo-alvo seja derrubado. Lança-se dessa forma a base da *Guerra em rede social*

> "*O termo "netwar" denota um modo emergente de conflito (e crime) nos níveis da sociedade, envolvendo medidas de guerra curta, nas quais os protagonistas usam - de fato, dependem do uso - formas de organização, doutrina, estratégia e comunicação em rede. Esses protagonistas geralmente consistem em grupos dispersos, geralmente pequenos, que concordam em se comunicar, coordenar e agir de maneira via Internet, geralmente sem uma liderança ou sede precisa. A tomada de decisão pode ser deliberadamente descentralizada e dispersa*"[9]. Tradução nossa. (ARQUILLA. RONFELDT, 1996, p.5)

O que se percebe então, é que as fronteiras e as delimitações jurídicas não mais são grandes obstáculos para o exercício da guerra cujo poder de penetração, via redes sociais, tornou-se incomensurável. Arquilla e Ronfeldt (1996) apontam três formas de guerras em rede: rede em cadeia, a qual possui um comando cen-

[8]Ver Nye, Joseph. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Public Affairs, 2004.
[9]"(...) *The term ''netwar'' denotes an emerging mode of conflict (and crime) at society levels, involving measures shorts of war, in which the protagonists use – indeed, depend on using – network forms of organization, doctrine, strategy and communication. These protagonists generally consists of dispersed, often small groups who agree to communicate, coordinate, and act in na internetted manner, often without a precise leadership or headquarters. Decisionmaking may be deliberately decentralized and dispersed* (...)" (ARQUILLA. RONFELDT: 1996. p.5).

tralizado propagador de informações; já a rede em estrela, apresenta um comando compartimentado, no qual é possível haver uma célula dentro de uma outra maior e por fim, a rede multicanal, que se apresenta com uma descentralização tática maior e ação autônoma dos seus indivíduos[10].

Andrew Korybko (2018) identifica as *Revoluções coloridas* como um exemplo de guerra em rede social com o modelo em cadeia. Para ele, esse tipo de estratégia é construído a partir das ações do governo, a saber CIA, Departamento de Estado dos Estados Unidos, Pentágono, ou até mesmo realizado por *think tanks* que buscam influenciar comportamentos da sociedade alvo a partir de informações colhidas em redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter* a fim de direcionar e até mesmo sugerir opiniões e ações políticas contra o governo alvo, Korybko (2018) afirma ainda que o termo dessa tática é *enxame* que atrelada a uma espécie de *mente de colmeia* seria a principal característica das guerras híbridas. "*A finalidade disso tudo é reunir o máximo possível de pessoas que vieram indiretamente a compartilhar das mesmas convicções contra o governo*" (KORYBKO, 2018, p. 59).

Portanto, a *guerra neocortical reversa* tem como estratégia fundamental o intuito de moldar e influenciar comportamentos a fim de derrubar os governos alvos através de ações que vislumbrem as massas e não as lideranças, *corações e mentes*, como afirmara o secretário de Defesa dos Estados Unidos em 2006, Donald Rumsfeld[11]. Assim, as redes sociais, em uma situação de guerra híbrida, constroem o ambiente favorável para a explosão de uma revolução colorida ao gerar artificialmente discordâncias e potencializar insatisfações latentes contra o governo.

> "*O que isso significa é que a guerra de quarta geração[12], a revolução da informação e a guerra em rede, são todas combinadas para estabelecer a tática da formação de enxames, que represen-*

[10]Aqui verificamos como exemplo, as ações empreendidas pelo grupo terrorista *Daesh.*

[11]Naquela oportunidade, Donald Rumsfeld, então secretário de Defesa dos Estados Unidos, ao proferir discurso para o Conselho de Relações Exteriores, salientou sobre a importância de se travar uma batalha midiática para conquistar a opinião da população muçulmana sobre a legitimidade da causa norte-americana e fazer frente as ações e propaganda lideradas por Ayman al-Zawahiri, principal lugar-tenente de Osama bin Laden. Ver DERIAN, James Der. Terrorismo no século XXI: real, virtual ou banal? in: HERZ, Mônica. AMARAL, Arthur Bernardes do (orgs). **Terrorismo e relações internacionais: perspectivas e desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Edições Loyola, 2010;

[12]Ver LIND, William. **Understanding Fourth Generation War**. Military Review, p. 12-16, Sep-Oct. 2004;

> *ta o epítome da teoria do caos armatizada em formato social*" (KORYBKO, 2018, p. 60)

Korybko (2018) apresenta em sua obra um cenário no qual as grandes empresas de tecnologia e informação, como *Facebook*, *Twitter* e *Google*, serviriam como instrumentos para a realização da guerra híbrida, a qual disseminaria a propaganda do movimento via *Facebook*, enquanto as rotas dos protestos seriam traçadas pelo *Google maps*, que inclusive permitiria o acesso a rotas de fuga para os manifestantes e informações que os auxiliaria a definir melhores estratégias para as suas ações, por fim, a transmissão de todo o movimento seria realizada ao vivo pelo *Twitter*. O que se percebe é que, os novos instrumentos de comunicação e as ferramentas de tecnologia em rede construiriam possibilidades que marcariam uma nova forma de guerra, como apontou o autor.

Andrew Korybko (2018) apontou quatro grandes protagonistas na construção das guerras híbridas: Gene Sharp (considerado o *Maquiavel da não violência*, nas palavras do autor), Robert Helvey, John Tefft e Frank Archibald. Em sua visão, Korybko (2018) entende que esses quatro nomes estabeleceram técnicas de como induzir as massas contra os governos considerados adversários aos interesses americanos.

Autor do livro *Da Ditadura a Democracia: O Caminho para a Libertação* (2015), Gene Sharp, o qual contou com a colaboração de Robert Helvey, ex-coronel do exército americano e que é atribuído a criação do termo *desobediência política em massa*, apresenta caminhos e estratégias para condução de movimentos capazes de derrubar governos considerados autoritários. Sob a sua perspectiva

> "*Os efeitos cumulativos de campanhas de desafio político bem conduzidas e eficazes manifestam-se no reforço da resistência, assim como na definição e no aumento dos domínios da sociedade em que a ditadura se confronta com obstáculos ao seu controlo efectivo Estas campanhas também permitem adquirir uma experiência importante sobre formas de recusar a cooperação e utilizar o desafio político. Tal experiência revelar-se-á muito útil no momento de pôr em prática a não-cooperação e o desafio político em grande escala*" (SHARP, 2015, p. 105)

Essas estratégias e formas de mobilização foram consideradas veículos de articulação política que possibilitaram a *Primavera árabe* em 2010[13] e foram atribuídas pela *Voice of America*[14] a Gene Sharp. Korybko (2018) também destaca a atuação de John Tefft (que atuou como embaixador dos Estados Unidos na Ucrânia no período de 2009-2013 e atualmente exerce o mesmo cargo na Rússia) e Frank Archibald (ex-chefe do Serviço Nacional Clandestino da CIA – NCS). Em sua visão, eles estariam envolvidos nos eventos políticos que provocaram desdobramentos e culminaram nos protestos contra Viktor Yanukóvytch (2010-2014) que resultaram em sua queda. Yanukóvytch representava naquele momento uma posição política pró-Rússia e consequentemente um obstáculo aos interesses americanos naquela região.

Desse modo, Andrew Korybko (2018) define

> "*A guerra híbrida levanta a hipótese de que o conflito pré-existente em questão é uma revolução colorida fabricada externamente e que a guerra não convencional pode ser iniciada de forma secreta quase que imediatamente após o início da revolução colorida para atuar como um multiplicador de forças*" (2018, p. 71)

Posto dessa forma, observa-se que as formas de promoção da guerra se articulam mediante às transformações políticas, econômicas, tecnológicas e culturais de uma determinada época. Se traçarmos um paralelo com o que foi posto até aqui, abordamos que ao longo da história humana ocorreu um processo que foi da estatização da guerra e da violência, inicialmente travada por grupos humanos que se organizaram em nações e estas promoveram a construção de Estados, os quais estabeleceram regras e modelos de guerra a partir do Tratado de Vestfália (1648). Essa formatação de conflito, analisada amplamente por Otto von Clausewitz alcançaria o seu ápice na 2ª Guerra Mundial (1939-1945).

Contudo, com o advento da Guerra Fria (1945-1991), o que se assistiu foi um processo de esfacelamento do poder estatal, especialmente, devido ao fortalecimento dos organismos de cooperação militar internacional, ao financiamento

[13]Consistiu numa série de protestos e manifestações que provocaram uma onda revolucionária em diversos países do mundo árabe. Os impactos, ainda em andamento, da Primavera árabe provocaram a derrubada de governantes como Muammar al-Gaddafi (Líbia), Hosni Mubarak (Egito), Zine El Abidine Ben Ali (Tunísia) e a explosão da Guerra Civil na Síria iniciada em 2011;

[14]A Voice of America ou VOA é o serviço oficial de radiodifusão internacional financiado pelo Governo Federal dos Estados Unidos e autorizado a operar exclusivamente fora de território americano.

de grupos paramilitares em lutas nacionalistas e movimentos de independência, ao fortalecimento do papel de grupos financeiros e conglomerados industriais. Esses eventos contribuíram para que a formatação da guerra se transformasse e saísse das mãos exclusivas ou predominantes dos estados nacionais.

Os anos 1970-1990 foram profundamente marcados pelo nascimento das guerras não-convencionais, também conhecidas como assimétricas, nas quais observa-se a luta de estados-nação contra organizações não-estatais. Os exemplos podem ser verificados em praticamente todos os continentes do globo, dos mais desenvolvidos aos mais atrasados socioeconomicamente. Nos anos de 1980, assistiu-se à adoção, por parte do Governo Reagan (1981-1989), de bandeiras políticas como atos de guerra. A proposta difusa apresentadas por declarações como *Guerra às drogas* abriu o precedente para uma politização não apenas da guerra em si, mas dos seus instrumentos e o pior, estabeleceu-se um véu sobre o inimigo, que agora poderia ser qualquer um que estivesse relacionado a ameaça apontada pelo governo americano.

A partir dos anos 1990, a globalização trouxe os seus impactos sobre as formas de guerrear e impõe aos estados novos desafios. As organizações não-estatais, agora se organizavam em redes e plataformas, que auxiliadas pelas tecnologias eletrônicas e pela internet possibilitaram aos seus membros uma capacidade de ação praticamente impossível de ser dimensionada. Somado a isso, explodiu também o radicalismo islâmico, sobretudo, após os eventos ocorridos no Afeganistão, Irã, Arábia Saudita e Iraque[15] o que possibilitou o surgimento e fortalecimento de organizações como a Al Qaeda.

Em virtude desses acontecimentos, que alcançam o seu ápice no 11 de setembro de 2001, as guerras e os seus formatos se transformam. A *guerra neocortical*, conhecida pela estratégia de convencimento de lideranças locais, transformou-se em *guerra neocortical reversa*, que objetiva a conversão das sociedades locais em prol da derrubada de lideranças consideradas obstáculos. Acrescenta-se também a explosão das mídias sociais e do amplo desenvolvimento da internet o que proporcionou o aparecimento das *revoluções coloridas* como estratégias para o exercício das *guerras híbridas*. Percebe-se que os oficiais chineses Liang e Xangsui (1999), ainda que não tivessem dimensão da amplitude das suas previsões, já apontavam para conflitos nessa configuração. 2001, é também o ano que inaugura uma nova bandeira política: a *Guerra ao Terror* e essa também define

[15]Aqui nos referimos a expulsão das forças soviéticas do Afeganistão (1979-1989) pelos *Mujahedins*, a Revolução Iraniana (1979), a invasão de tropas ocidentais na cidade sagrada de Meca (1979) após a revolta dos salafistas liderada por Juhayman al-Otaybi e a Guerra do Golfo (1990-1991);

novas configurações políticas e é claro, novas maneiras de relações entre as sociedades, especialmente entre o mundo ocidental e a comunidade muçulmana.

Guerra ao Terror: Das guerras assimétricas ao Terrorismo internacional

> "*Sei apenas que é preciso fazer o necessário para deixar de ser um pestiferado e que só isso nos pode fazer esperar a paz, ou, na sua falta, uma boa morte. É isso que pode aliviar os homens e, se não salvá-los, pelo menos fazer-lhes o menos mal possível, e até, às vezes, um pouco de bem. E foi por isso que eu decidi recusar tudo o que, de perto ou de longe, por boas ou más razões, faz morrer ou justifica que se faça morrer*" (CAMUS: s/d, p. 274-275).

Compreender o mundo pós-guerra reside num exercício de análise sobre morticínio e, especialmente, sobre a retomada de ideologias extremistas utilizadas como instrumentos ideológicos legitimadores da violência. Do fascismo surgido nos anos 1920 e 1930 aos atentados terroristas do novo século, observamos que o *bacilo da peste* se faz presente. Não é de agora que doutrinas são utilizadas como veículos canalizadores da violência, no entanto, as consequências das práticas proporcionadas por essas ideias vão desde às ações de *lobos solitários* às intervenções militares contra nações soberanas e o resultado disso: uma maré obscura de sangue, sobretudo, de inocentes.

Nesse sentido, os posicionamentos políticos adotados pelo governo americano pós 11 de setembro, sobretudo, pela retomada do discurso maniqueísta de combate ao inimigo invisível, o *Eixo do Mal*, como assim chamou o ex-presidente George W. Bush, inserem-se aqui como multiplicadores de violência, num ciclo de morte que resulta em mais terror.

Assim sendo, não consideramos que as práticas terroristas foram realizadas exclusivamente por grupos extremistas, mas também por aqueles que se dedicaram a combatê-los e, para isso, legitimaram suas práticas através de discursos que retratavam seus atos como instrumentos necessários para a realização de uma causa "moralmente" superior.

O que é o terror? É possível estabelecer um conceito claro que diferencie os atos de violência promovidos por grupos considerados extremistas e por governos ocidentais? Em que medida, as ações realizadas pela Al Qaeda são equivalentes a resposta militar realizada pelos Estados Unidos? Discorrer sobre tais

questionamentos consiste numa jornada que possivelmente não encontrará um ponto definitivo e pior, é provável que boa parte do trajeto seja composto de névoa e confusos atalhos.

> "*Esse tipo de terrorismo não pode ser explicado somente em termos de causas estruturais (root causes). Milhões de pessoas vivem sob condições de privação severa e são expostas a ideologias radicais, mas poucas delas se tornam terroristas. O terrorismo não é uma reação espontânea às circunstâncias. Grupos que confrontam as mesmas condições escolhem respostas diferentes. A questão central diz respeito à combinação de incentivos e oportunidades que, por sua vez, afetam decisões para se usar o terrorismo. Nesse sentido, o terrorismo pode servir a quatro propósitos: provocação, polarização, mobilização e submissão*" (CRENSHAW, 2010, p. 35).

Ao receber o prêmio de "consciência global" em 2002, outorgado pelo "Club of Budapest" em Frankfurt (Alemanha), o renomado ator Peter Ustinov afirmou "Não se pode travar uma guerra contra terroristas, sem se tornar também terrorista"[16]. Naquela oportunidade, Ustinov desferia críticas a Guerra do Iraque (2003-2011) promovida pelos Estados Unidos como desdobramento da sua política de combate ao terrorismo denominada "Guerra ao Terror", uma das molas mestras da Doutrina Bush.

De fato, historiadores, cientistas políticos, sociólogos e demais pesquisadores ainda não encontraram uma definição que sintetizasse o que é o terrorismo, especialmente, aquele que se manifesta a partir do 11 de setembro de 2001. A prática do terror está entrelaçada a história da violência humana, sobretudo, quando esta é manifestada em situações de conflito e táticas de guerra. Sun Tzu, em A Arte da Guerra (1998)[17], teria dito "*Mate um, amedronte dez mil*", todavia, o Terrorismo internacional demonstra que a capacidade de morticínio realizada por essa prática não só foi potencializada como também trouxe impactos psicológicos ainda maiores, o que redefiniu novas posturas políticas por parte de governos e indivíduos, além de legitimar práticas ainda mais violentas como a intervenção norte-americana realizada no Iraque a partir de 2003.

[16]Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/paulo-coelho-e-peter-ustinov-recebem-pr%C3%AAmio-em-frankfurt/a-650234> Acesso 06 jun 2018;

[17]TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Tradução de Thomas Cleary. 10 ed. Rio de Janeiro. Ed: Pensamento, 1998;

> "*Uma resposta internacional efetiva baseada em um consenso renovado e restaurado requer que o terrorismo seja reconhecido como um problema político que deve ser resolvido por meios políticos. Recorrer à força militar para acabar com o terrorismo não produzirá democracia nem estabilidade. Lançar tropas de combate ou confiar no poderio aéreo provavelmente provocará mais terrorismo*" (CRENSHAW, 2010, p.45).

Em consulta no Banco de Teses e Dissertações do portal Capes[18] para o verbete *Terrorismo*, verificou-se 435 resultados de trabalhos publicados sobre essa temática nas mais diversas áreas.

O historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva afirma que esse modelo de violência se configura como uma Quarta Onda do Terrorismo[19], a qual possui características marcantes:

1. violência em larga escala e de maneira indiscriminada;
2. a organização terrorista atua a partir de uma estrutura de células descentralizadas;
3. o Estado não é mais referência na prática do terrorismo diante do aparecimento do *Estado-Rede*[20];
4. o fator religioso, responsável pelo aumento da letalidade dessa prática contemporânea, especialmente por ser relacionada a ideia de martírio em prol de uma causa, considerada pelos seus agentes, moralmente superior.

Em sua dissertação de mestrado, Alexandre Arthur Cavalcanti Simioni (2008) atenta para a necessidade de diferenciação entre a prática terrorista e o exercício da guerrilha, de acordo com ele,

18 Ver < https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/> Acesso em 23 jan 2019.

19 Utilizamos aqui como referência a análise do Professor Emérito de Ciências Políticas David Rapoport da Universidade da Califórnia: 1) 1ª onda: Anarquista (1880-1920) promovida principalmente na Rússia pelo grupo Naródnaia vólia. 2) Nacionalista e Anti-colonialista (1920-1960): - IRA, IRGUN, Stern Gang e Argélia (FLN). 3) Organizações de esquerda revolucionária (1960- 1990): - ETA, Red Brigades, RAF, FPLP, FARC, Montoneros, Tupamaros, Sendero Luminoso, Tupac Amaru. 4) Grupos extremistas de inspiração islâmica (1979 - ….).

20 Ver CASTELLS, Manuel. **Estado-rede: a possibilidade do Estado na sociedade informacional**. São Paulo: Paz e Terra, 1999;

> "*as principais diferenças entre terrorismo e a guerrilha residem no fato da guerrilha geralmente apresentar grupos numericamente superiores de elementos armados e atuar como Força Armada, possuindo, ainda, o intuito de conquistar e manter o terreno. Já os terroristas, não agem em terreno aberto e evitam o engajamento com tropas, bem como não tem o intuito de controlar território*" (SIMIONI, p.40, 2008)

Simioni (2008) entende que os grupos inseridos no Terrorismo internacional atuam em rede e escalas de níveis diferentes que vão desde aqueles que agem exclusivamente dentro de um Estado até aqueles que possui uma atuação em escala global, como é o caso da Al Qaeda. "*As suas operações ocorrem de forma descentralizada e células pequenas e isoladas são criadas para atuarem sem nenhum apoio da população e sem necessitar de base territorial*" (SIMIONI, p.46, 2008).

Desse modo, grupos como a Al Qaeda trazem à tona uma nova forma de conflito, as *Guerras Assimétricas*[21], denominada por americanos e europeus como *Guerra de Quarta Geração* e pelos militares chineses *Qiao Liang* e Wang Xiangsui como *Guerra Além dos limites*, e são caracterizadas pela utilização de meios que vão além das atividades militares, isto é, promoção de ataques que produzam efeitos psicológicos e econômicos, sem necessariamente se limitar ao armamento usual, assim sendo, a utilização de armamentos nucleares ou até mesmo, elementos bacteriológicos ou viróticos; além de ataques cibernéticos, eletrônicos e químicos.

Em seu trabalho de pesquisa Roberto Loiola Machado (2008) nos apresenta que os atentados ocorridos no 11 de setembro foram responsáveis por apresentar o deslocamento da política de segurança contra ameaça de um Estado em específico para a ameaça de um grupo não-estatal ou até mesmo, um indivíduo.

Dessa maneira podemos elencar como exemplo, a própria política de segurança americana que pôs em evidências os perigos e as ameaças do terrorismo e os personificou em Osama Bin Laden e a sua rede Al Qaeda, ainda que o Presidente George W. Bush, tenha se referido a países como Irã-Iraque-Coreia do Norte como *Eixo do Mal*, além dos primeiros e outros como a Líbia e o Sudão

[21]"(...) *a chamada 'guerra assimétrica' que aparece nos debates estratégicos atuais dos Estados Unidos consiste precisamente na capacidade desses grupos armados não-estatais de sustentar-se quase que indefinidamente em luta contra o poder do Estado, nacional ou estrangeiro* (...) (HOBSBAWM, p.87, 2007)

terem sido mencionados inúmeras vezes no Relatório 11 de setembro, publicado em 2004 e utilizado como uma das fontes para a nossa pesquisa. Já no Relatório sobre o atentado contra a Amia também selecionado para essa pesquisa e publicado em 2006, observa-se o foco em governos e organizações como Irã e Hezbollah.

> "*As "percepções de ameaças" têm hoje um outro espectro: suas fontes e origens são bem mais amplas e não se restringem mais as que emanam de outros Estados. Além disso, são reconhecidas de outra forma e atingem a sociedade em múltiplos aspectos*" (MACHADO, p. 29, 2008)

Nesse sentido, observa-se que o dia 11 de setembro de 2001, marca o nascimento de uma Era construída sob a perspectiva do medo e da busca exasperada por segurança mediante os perigos e ameaças de um inimigo invisível. Não é de se estranhar o aumento das políticas de segurança, vigilância e securitização. Para Arthur Bernardes do Amaral (2010), a ideia tradicional de segurança esteve associada a ausência de ameaças militares externas ou a concepção de risco à soberania do Estado-Nação.

Na visão de setores políticos considerados *neoconservadores*, conceito que discutiremos mais adiante, grupos extremistas enxergaram como apatia e fraqueza uma série de eventos ocorridos ao longo dos anos 1990. Vamos a eles: 1) Guerra do Golfo (1991): apesar de terem expulsado as tropas iraquianas do Kuwait e derrotado com relativa facilidade o exército formal iraquiano, as forças armadas americanas não depuseram Saddam Hussein, o qual continuou no poder até a Guerra do Iraque iniciada em 2003; 2) a retirada das forças americanas da Somália em 1993, após a derrubada de dois helicópteros por forças locais; 3) ausência de uma resposta contra a Al Qaeda após o atentado com caminhão-bomba ocorrido contra as Torres Gêmeas em 1993; 4) ataques contra as embaixadas dos Estados Unidos na África (Nairobi, no Quénia e em Dar es Salaam, na Tanzânia) em 1998; e por fim, 5) a ausência de uma resposta militar efetiva contra os responsáveis pelo ataque desferido contra o destroyer USS Cole pertencente a Marinha dos Estados Unidos em 12 de outubro de 2000.

> "*O presidente culpou a Al Qaeda pelo 11 de setembro e pelos atentados nas embaixadas de 1998 e, pela primeira vez, declarou que a Al Qaeda era "responsável por bombardear o USS Cole". 81 Ele reiterou o ultimato que já havia sido transmitido em particular.*

> *deve agir, e agir imediatamente ", disse ele." Eles vão entregar os terroristas, ou eles vão compartilhar o seu destino*". (KEAN & HAMILTON, p. 337, 2004. Tradução nossa)[22]

Todos esses eventos, na visão de setores *neoconservadores*, não só demonstraram aos grupos terroristas a possibilidade de realizar ataques de baixo custo e grande impacto contra os Estados Unidos, como também serviram de ensaio para o 11 de setembro. Interpretação essa sustentada por Marcos Alan Fagner dos Santos Ferreira (2010)

> "*a visão de um inimigo ou mesmo de uma ameaça recebeu forte influência da radicalização ideológica do debate sobre terrorismo e poder nacional dentro dos EUA. Neste sentido, o espectro neoconservador34 teve um papel fundamental na formulação de política externa, dando base ideológica para a justificação da atuação norte-americana nos mais diferentes cantos do planeta e fornecendo as bases para a formulação das estratégias da Casa Branca desde então*" (p. 52)

Ferreira (2010) interpreta que devido à ausência de controle sobre a movimentação financeira e a fragilidade governamental no combate ao crime organizado teria sido responsável para que órgãos ligados ao governo dos Estados Unidos considerassem a Tríplice Fronteira numa espécie de santuário para terroristas, um *safe heaven*, como descreve o Relatório sobre os atentados cometidos no 11 de setembro. Desse modo, ainda que a área jamais tenha sofrido incursões militares norte-americanas, cria-se sobre a região um ambiente de medo favorável para a política de securitização descrita acima.

Andrey Augusto Ribeiro dos Santos (2018), ao realizar uma análise sobre as representações do terrorismo e do contraterrorismo no cinema (2005-2013), apresentou algumas distinções entre terrorismo, antiterrorismo e contraterrorismo. Em seu trabalho, o autor discorreu que o antiterrorismo estaria relacionado a um conjunto de medidas de segurança criadas com o objetivo de evitar o atentado, nesse sentido, aparelhos de vigilância e interceptação são utilizados por

[22]"*The President blamed al Qaeda for 9/11 and the 1998 embassy bombings and, for the first time, declared that al Qaeda was "responsible for bombing the USS Cole."81 He reiterated the ultimatum that had already been conveyed privately."The Taliban must act, and act immediately," he said."They will hand over the terrorists, or they will share in their fate*". (KEAN & HAMILTON, p. 337, 2004).

uma estrutura institucional que se vale de mecanismos jurídicos que autorizem os agentes do Estado a agir. Já o contraterrorismo, estaria relacionado corresponderiam a práticas e medidas emergenciais a fim de minimizar os impactos de um ataque terrorista em andamento.

Santos (2018) entende que o conceito de terrorismo é extremamente complexo e repleto de definições e interpretações que, muitas vezes, estão associadas a um contexto político específico ou atende a interesses que vão além da problemática. Em suas palavras

> "*Terrorismo não é um termo neutro e mesmo as definições acadêmicas são subjetivas porque tem que considerar que ele é utilizado como juízo de valor. Por ser um rótulo político ele descreverá o fenômeno ao mesmo tempo que oferecerá um julgamento. É uma simplificação útil que combina elementos descritivos, simbólicos e evocativos, mas com significados flexíveis, ambíguos e até contraditórios. É por isto que antes de defini-lo é necessário levar em conta que se trata de um termo político, empregado como julgamento moral, muitas vezes atendendo a interesses de alguns grupos dentro de uma sociedade. Isto faz com que sejamos obrigados a analisar quem chama terrorismo de que, onde e por que*" (SANTOS, p. 14, 2018).

"*Terrorismo: O uso ilegal da violência e intimidação, especialmente contra civis, na busca de objetivos políticos*. Tradução nossa"[23]. Apresentado pela Oxford English Dictionary (OED) é, além de perigosamente insuficiente, contextualmente superficial. Se considerarmos que o terrorismo é, toda e qualquer ação violenta promovida contra civis, observaremos que a potências ocidentais promoveram e promovem terrorismo diuturnamente. É preciso ir além. Não para inocentar os crimes cometidos por essas potências, mas para compreender as ramificações e os desdobramentos de ações violentas promovidas nos últimos anos. É inviável discutir as ações terroristas de grupos extremistas contra as potências ocidentais sem que seja posto em pauta, como afirmou Noam Chomsky (2005), "*o terrorismo não mencionável, porém muito mais extremo, dos poderosos contra os fracos*" (p.7).

[23]*Terrorism: The unlawful use of violence and intimidation, especially against civilians, in the pursuit of political aims*. Disponível em < https://en.oxforddictionaries.com/definition/terrorism >. Acesso 17 fev 2018.

Nesse sentido, a compreensão da nova configuração global pós 11 de setembro reside, acima de tudo, na percepção de enfraquecimento dos sistemas democráticos, a começar pelo próprio sistema americano. Ainda que esse mesmo modelo tenha apresentado uma certa esperança com a eleição do Presidente Barack Obama em 2008, o que se assistiu na geopolítica mundial, muitas vezes capitaneada pelos Estados Unidos, foi a fragilização das liberdades individuais tão caras aos regimes democráticos.

Somado aos problemas decorrentes proporcionados pelas ações de grupos extremistas, é válido que se destaque a atuação de grupos econômicos que puseram em muitas ocasiões, especialmente pós crise de 2008, os interesses coletivos em prol dos seus ganhos particulares como afirmou Moniz Bandeira (2017).

> "*E o regime democrático, destarte, tornou-se, virtualmente, unipartidário, dado que os dois partidos passaram a representar quase tão somente os mesmos interesses, os interesses das mais poderosas forças econômicas e políticas do país: o setor financeiro*" (BANDEIRA, 2017, p.73)

Não é de se estranhar que fenômenos políticos como a eleição de Donald Trump (2016) tenha sido possível, uma vez que, significativa parte da sociedade americana não se sinta representada pelos partidos políticos que foram vistos como defensores do *Establishment americano* e com isso, tenha criado espaço político para que lideranças demagógicas promovessem discursos de fácil enraizamento e questionassem as próprias instituições democráticas a fim de fortalecer o seu poder pessoal. Portanto, a compreensão desse universo reside num doloroso exercício de análise sobre morticínio e, especialmente, sobre a retomada de ideologias extremistas utilizadas como instrumentos ideológicos legitimadores da violência.

A *Doutrina Bush*, como ficou conhecida, pretendia reconstruir toda a política externa e as ações americanas no Oriente Médio, a começar pelo desmonte de governos autoritários contrários ao ocidente. No entanto, tais práticas, que resultaram na Guerra do Afeganistão (2001-...) e na Guerra do Iraque (2003-2013), também foram responsáveis por uma tentativa equivocada de implantação de regimes democráticos no mundo árabe. Essa prática desestabilizou toda a região e culminou em grandes eventos massivos ocorridos durante a Primavera Árabe (2010).

Os resultados disso? Guerra civil na Líbia (2014 - ...), desestabilização do Egito, o morticínio em voga na Guerra civil síria (2011 - ...), a crise de refu-

giados e, por fim, a proliferação de novos e mais violentos grupos terroristas, em especial o *Daesh*. Ainda que tenha havido sucessos no enfraquecimento da capacidade operacional da Al-Qaeda, os reflexos surgidos a partir de 2001 apresentam um prognóstico muito mais negativo. Como os documentos aprovados em 2006 pelo governo americano denominado *Military Commissions Act* e *Act Military Commissions act*, os quais nas palavras de Moniz Bandeira (2017, p.77) consistiram em

> "*legalizar os crimes de guerra e as violações de direitos humanos, que as Forças Armadas, a CIA e outros órgãos de repressão e inteligência estavam a praticar com a autorização explícita da administração do presidente George W. Bush*"

Postas dessa forma, as alianças militares construídas pelos Estados Unidos pós-2001 tinham como objetivo a busca pelo apoio de potências militares nos massacres cometidos contra civis em suas próprias questões geopolíticas. Portanto, a proliferação de armas e a violência cometida sob a justificativa de combate ao terrorismo também foram responsáveis pelo financiamento dele "*Por esse padrão, todas as explicações e discussão sobre a chamada Guerra ao Terrorismo são pura hipocrisia, praticamente sem exceção*" (CHOMSKY: 2005, p. 36). Por isso, os Estados Unidos, ao agirem de forma unilateral e maniqueísta, mais prejudicam do que beneficiam os esforços de combate ao terrorismo, sobretudo, por conta dos impactos psicológicos, pelo ressentimento e pelo desejo de vingança das vítimas dessas práticas.

> "*O terrorismo no século XXI não pode ser entendido – nem tampouco efetivamente combatido – desvinculado dessa guerra global da mídia* (...) *O melhor ponto de partida, acredito, é comparar e contrastar a atual relação da mídia e terror com o que existiu no passado, usando então esse conhecimento comparativo como base para uma nova estratégia pragmática que nos possibilitará ultrapassar o terror*" (DERIAN, 2010, p. 322).

Em seu livro *Inside Terrorism*, Bruce Hoffman (2017) aponta que há inúmeras confusões sobre o conceito de terrorismo e ainda, o autor indica que uma das principais responsáveis por esse problema é a própria atuação da mídia ocidental em sua abordagem sobre o tema.

Bruce Hoffman (2017) considera que

> "*O terrorismo, no uso contemporâneo mais amplamente aceito do termo, é fundamental e inerentemente político. É também impreterivelmente sobre o poder: a busca do poder, a aquisição de poder e o uso do poder para alcançar uma mudança política*" (p. 2. Tradução nossa) [24].

Considerações finais

As arbitrariedades cometidas pelas autoridades e instituições americanas sob o véu do discurso de *Guerra ao Terror* apresentaram um efeito catastrófico. Se internamente, serviram para reduzir as liberdades individuais e aumentar a vigilância sobre os seus cidadãos, externamente foram responsáveis pelo desmonte do Estado Líbio, pelo aprofundamento da Guerra civil na Síria e pelo fomento de grupos extremistas rebeldes.

Assim sendo, as supostas vitórias americanas nas Guerras do Afeganistão (2001 - ...) e do Iraque (2003 – 2013) somadas a morte de Osama Bin Laden (2011) comemoradas como símbolos de vitória da política externa estadunidense, configuram-se como verdadeiras *vitórias de Pirro*, especialmente quando postas em paralelo aos efeitos dessa mesma política no restante da região.

Portanto, observa-se que os rumos esperados para o novo século envolverão diferentes meios e múltiplas formas de se promover a guerra, uma vez que essa prática apresenta desde uma concepção demasiadamente elásticas para se restringir a aparatos militares. De mísseis *tomahawkes* a ações de *hackers*, tudo é possível nesse novo universo de beligerância.

Tendo em vista isso, concordamos que a guerra e o terrorismo envolvem relações de poder em conflito, as quais resultam em práticas e discursos que, inevitavelmente, recorrem a violência propagada sob a justificativa de valores morais considerados superiores e necessários. Assim, seja em nome de Deus seja em nome da Liberdade, a consequência final é a prática contínua da morte, "*o terrorista pode se tornar o libertador (freedomfighter) e vice-versa; o presente e o*

[24] "*Terrorism, in the most widely accepted contemporary usage of the term, is fundamentally and inherently political. It is also ineluctably about power: the pursuit of power, the acquisition of power, and the use of power to achieve political change*".

passado estão repletos de declarações de estadistas moralistas e fanáticos virtuosos que abraçam práticas terroristas" (DERIAN, 2010, p.325).

RECEBIDO em 28 de maio de 2020
APROVADO em 8 de agosto de 2020

Referências

AMARAL, Arthur Bernardes do. **A Tríplice Fronteira e a Guerra ao Terror**. Rio de Janeiro. ed. Apicuri, 2010.

_____. **O problema do terrorismo internacional na América do Sul e a Tríplice Fronteira: histórico e recomendações**. in: SILVA, Francisco Carlos Teixeira.

ARQUILLA, John. RONFELDT, David F. **The Advent of Netwar**. Santa Monica, CA: RAND, 1996. Disponível em <https://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR789.html#toc> Acesso 09 maio 2019.

ARON, RAYMOND. **Paz e Guerra entre nações**. São Paulo: editora WMF Martins Fontes / editora Universidade de Brasília, 2018.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos - Conflito e Integração na América do Sul: Conflito e integração na América do Sul (Da Tríplice Aliança ao Mercosul)**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.

_____. **A desordem mundial: O espectro da total dominação**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

CABRAL, Ricardo Pereira. Um estudo histórico sobre a guerra. in: LEÃO, Karl Schurster Sousa (organizadores). **Por que a guerra? Das batalhas gregas à ciberguerra: uma história da violência entre os homens**. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 2018.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. Tradução CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. 1984. Disponível em <http://almanaquemilitar.com/site/wp-content/uploads/2014/02/Da-Guerra-Carl-Von-Clausewitz.pdf> Acesso 24 maio 2018.

CRENSHAW. Martha. Theories of Terrorism: Instrumental and Organizations Approaches. RAPOPORT, David C. **Inside terrorist organizations**. Nova York, Columbia University Press, 1988.

_____. Introdução. in: AMARAL, Arthur Bernardes do. HERZ, Mônica. **Terrorismo & Relações Internacionais: Perspectivas e Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro. Puc-Rio. Edições Loyola, 2010.

_____. O terrorismo visto como um problema de segurança internacional. in: AMARAL, Arthur Bernardes do. HERZ, Mônica. **Terrorismo & Relações Internacionais: Perspectivas e Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro. Puc-Rio. Edições Loyola, 2010.

DEMANT, Peter Robert. Terrorismo e globalização: extremização religiosa ou leilão midiático? in: HERZ, Mônica. AMARAL, Arthur Bernardes do (orgs). **Terrorismo e relações internacionais: perspectivas e desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Edições Loyola, 2010.

DERIAN, James Der. Terrorismo no século XXI: real, virtual ou banal? in: HERZ, Mônica. AMARAL, Arthur Bernardes do (orgs). **Terrorismo e relações internacionais: perspectivas e desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Edições Loyola, 2010.

ESCUDÉ. Carlos. GUREVICH. Beatriz. Limits to Governability, Corruption and

Transnational Terrorism: The Case of the 1992 and 1994 Attacks in Buenos Aires. **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**. Tel Aviv, n. 2, vol. 14, 2003; Disponível em < http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/922/958> Acesso 19 set 2017.

FERREIRA, Marcos Alan Fagner Santos. **A política de segurança dos Estados Unidos e a Tríplice Fronteira no pós 11 de setembro: uma análise dos interesses norteamericanos e o posicionamento brasileiro**. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

FERREIRA, Marcos Alan S. V. **Combate ao Terrorismo na América do Sul: Uma análise comparada das políticas do Brasil e dos Estados Unidos para a Tríplice Fronteira**. Curitiba: Editoria Prismas, 2016.

HOBSBAWM, Eric. ***A era dos extremos*: o breve século XX**. 1941-1991. São Paulo: editora Companhia das Letras, 1995.

_____. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: editora Companhia das Letras, 2007.

KEAN, Thomas H.; HAMILTON, Lee H. **The 9/11 Commission Report:** Final Report of the National Commission on Terrorist Attacks upon the United States. Washington: Government Printing Office, 22 de julho de 2004. Disponível em: <http://www.9-11commission.gov/report/911Report.pdf> Acesso em 15 abril 2017.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das Revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: editora Expressão Popular, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009;

LIANG, Qiao. XIANGSUI, Wang. **A Guerra além dos Limites: Conjecturas sobre a guerra e a tática na era da globalização**. Beijing: PLA Literature and arts publishing house, 1999.

MACHADO. Roberto Loiola. **As Estratégias de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América, Rússia e China: uma comparação dos documentos publicados no alvorecer do século XXI**. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Centro de Filosofia e Ciências Sociais – CFCS Departamento de História Programa de Pós-graduação em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

MEI, Eduardo. Estado, Guerra e Violência: As "Novas Guerras" e suas implicações para a teoria clausewitziana da guerra. in: MEI, Eduardo. SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **Paz e Guerra: Defesa e segurança entre as nações**. São Paulo: editora Unesp, 2013.

SHARP. Gene. **Da Ditadura a Democracia: O Caminho para a Libertação**. Lisboa: Tinta da China Lda, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Globalização: Fatalidade ou Utopia?** Porto: editora Afrontamento, 2001.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. CHAVES, Daniel Santiago (Org.) **Terrorismo na América do Sul: Uma ótica brasileira**. Rio de Janeiro: editora Multifoco, 2010.

_____. **Terrorismo e guerra na era da assimetria global**. in: SILVA, Francisco Carlos Teixeira. CHAVES, Daniel Santiago (Org.) **Terrorismo na América do Sul: Uma ótica brasileira**. Rio de Janeiro: editora Multifoco, 2010.

_____. A jihad em nome de Deus. in: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. LEÃO, Karl Schurster Sousa (organizadores). **Por que a guerra? Das batalhas gregas à ciberguerra: uma história da violência entre os homens**. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 2018.

SIMIONI, Alexandre Arthur Cavalcanti. **O terrorismo contemporâneo: conseqüências para a Segurança e Defesa do Brasil**. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Centro de Filosofia e Ciências Sociais – CFCS Departamento de História Programa de Pós-graduação em História Comparada Consórcio PRÓ-DEFESA. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

SOUZA, Marcelo Bastos de. A guerra irregular. in: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. LEÃO, Karl Schurster Sousa (organizadores). **Por que a guerra? Das batalhas gregas à ciberguerra: uma história da violência entre os homens**. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 2018.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Tradução de Thomas Cleary. 10 ed. Rio de Janeiro. Ed: Pensamento, 1998.